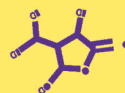
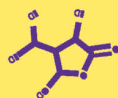
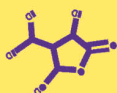




ALI HAZELWOOD



Amor, *teoricamente*





*Para todos os meus leitores, desde os tempos do AO3 até onde estamos hoje.
A participação especial de Adam e Olive é para vocês. ♥*





PRÓLOGO

AO LONGO DA VIDA, experimentei arrependimento, constrangimento, talvez até uma leve angústia. Mas nada, *nada* mesmo me preparou para a vergonha de me ver na cabine de um banheiro prensada contra o arrogante irmão mais velho do cara que tenho fingido namorar nos últimos seis meses.

Este momento, sem dúvida, é o fundo do poço. Principalmente levando em conta que *Jack Smith está salvando a minha pele*. Quando ele me agarra pela cintura para virar meu corpo dentro do espaço apertado, com uma pegada incrivelmente forte, não sei ao certo o que é pior: o fato de que suas mãos são tudo que me impede de murchar feito um balão ou a vergonhosamente imensa gratidão que sinto por ele.

– Fica tranquila, Elsie – diz ele contra a minha bochecha, sério como sempre, mas também incongruentemente tranquilizador.

Ele está perto, perto demais. Eu estou perto, perto demais. Mas *ainda assim* não perto o suficiente?

– E vê se para de se mexer – completa ele.

– Eu *não tô* me mexendo, Jack – digo, me mexendo.

Mas, depois de um segundo, acabo cedendo. Fecho os olhos. Relaxo con-





tra o peito dele. Sinto seu cheiro em minhas narinas, me ancorando na sanidade. E me pergunto qual, dentre as milhões de escolhas estúpidas que fiz na vida, me levou a este momento.





1

ONDAS E PARTÍCULAS

Vinte e quatro horas antes

DURANTE OS ÚLTIMOS ANOS do ensino fundamental, me fantasiei de dualidade da luz para o Halloween.

Usando uma canetinha, desenhava diversos círculos e linhas em zigue-zague em uma das camisetas brancas do papai que havia resgatado do lixo. Pensando bem, ficava tão malfeito que nem o professor de física conseguia adivinhar o que era. Mas eu nunca me importei com isso. Andava pelos corredores ouvindo a voz de Bill Nye na cabeça, sua bela explicação de como a luz podia ser duas coisas ao mesmo tempo, dependendo do que os outros queriam ver: uma partícula e uma onda.

Parecia uma ideia e tanto. E fazia com que eu me perguntasse se também poderia ser duas – não, ser várias Elsie. Cada uma seria confeccionada, feita sob medida, cuidadosamente selecionada, levando-se sempre em consideração uma pessoa diferente. Eu daria a todo mundo a versão de mim que quisessem, desejassem, necessitassem e, em troca, eles gostariam de mim.

Molezinha.

É curioso como minha carreira na física e minha carreira em agradecer





peessoas começaram na mesma época; como é possível traçar uma linha reta desde os livrinhos infantis de física quântica até meu emprego atual. Na verdade, até meus *dois* empregos atuais. O primeiro, no qual ganho praticamente nada elaborando teorias físicas que explicam por que pequenas moléculas se juntam como grupos de meninas malvadas durante o recreio. E o outro, no qual...

Bem, o outro, no qual finjo ser outra pessoa, pelo menos paga bem.

– O tio Paul vai tentar de novo convencer a gente a fazer um *ménage* – diz Greg, os olhos castanhos expressivos se desculpando profundamente, e eu não me abalo.

Não demonstro irritação. Não estremeço de repulsa ao pensar no hálito de esgoto de tio Paul ou em seu cabelo oleoso que me lembra pelos pubianos. Tá, talvez eu estremeça um pouco. Mas disfarço com um sorriso e respondo em um tom profissional:

– Pode deixar.

– Além disso – prossegue ele, passando a mão pelos cachos bagunçados –, nos últimos tempos o papai desenvolveu uma intolerância severa a lactose, mas se recusa a pegar leve nos laticínios. Pode ser que rolem...

– Ocorrências gastrointestinais.

É compreensível. Eu também relutaria em abrir mão de queijo.

– E tem a minha prima Izzy... Ela é conhecida por sair no tapa com gente que discorda dela sobre o valor literário da saga *Crepúsculo*.

Fico animada.

– Ela é a favor ou contra?

– Contra – diz Greg em um tom sombrio.

Eu amo *Crepúsculo* ainda mais do que queijo, mas posso segurar meu TED Talk sobre por que Alice e Bella deveriam ter deixado todos aqueles idiotas para trás e cavalgado rumo ao pôr do sol.

Team Bellice Aever.

– Entendido.

– Desculpa, Elsie. É o aniversário de 90 anos da vovó. A família toda vai estar presente. – Ele suspira, seu hálito virando vapor branco no ar noturno deste janeiro gelado em Boston. – A mamãe vai estar no pior humor possível.

– Não se preocupa com isso.





Toco a campainha da casa da avó de Greg e abro meu sorriso mais enco-rajador. Ele me contratou para fingir ser sua namorada e vai ter a Elsie que quer que eu seja: tranquilizadora, sim, mas também delicadamente mandona. Uma dominatrix que não gosta de empunhar um chicote, mas que poderia fazê-lo se necessário.

– Lembra do nosso código pra ir embora?

– Beliscar o seu cotovelo duas vezes.

– Eu digo que não estou me sentindo bem e a gente sai. E, quando a proposta do *ménage* vier, insinuo fortemente que tenho gonorreia.

– Isso não seria problema para o tio Paul.

– Verrugas genitais?

– Hmm. Talvez? – Ele massageia a têmpora. – A única coisa boa é que o meu irmão vem.

Fico tensa.

– Jack?

– É.

Que pergunta idiota, Greg só tem um irmão.

– Você não tinha dito que ele não vinha?

– O jantar de negócios dele foi cancelado.

Resmungo internamente.

– O que foi?

Merda, resmunguei alto.

– Nada. – Sorrio e aperto o braço dele por cima do casaco. Greg Smith é meu cliente favorito, e vou cuidar para que saia desta noite ileso. – Deixa que eu cuido da sua família, tá? Afinal, é pra isso que você me paga.

É verdade. E agradeço todos os dias por nunca ter precisado lembrá-lo dos termos. Muitos de meus clientes se perguntam mais ou menos abertamente quais outros serviços eu devo oferecer, mesmo que as regras de utilização do aplicativo Faux sejam bastante explícitas. Eles pigarreiam, coçam o queixo e perguntam: “O que *exatamente* está incluído nesse... serviço de namoro de mentira?” Muitas vezes fico tentada a revirar os olhos e dar uma joelhada nas bolas deles, mas tento não me ofender, sorrio gentilmente e digo: “Sexo *não* está.”

Além disso – já respondendo às perguntas que costumam vir em seguida –, nada de beijo, de pegação, de falar putaria, de ficar pelada, nada de anal





nem de boquete, punheta, espanhola ou qualquer outra coisa semelhante que possa existir sem que eu tenha conhecimento. Não deixo que façam xixi em mim nem acariciem meus pés, nem facilito e/ou permito orgasmos perto de mim.

Não que haja algo de errado nisso: o trabalho sexual é legítimo, e as pessoas que se dedicam a ele são tão merecedoras de respeito quanto bailarinas, bombeiros ou gerentes de investimentos. Mas, dez meses atrás, quando obtive meu doutorado em física teórica na Universidade Northeastern, imaginava que a esta altura teria um trabalho razoavelmente bem remunerado na academia. Eu não imaginava *mesmo* que, aos 27 anos, o que estaria pagando minhas contas seria um serviço para ajudar homens adultos a fingir que têm vidas amorosas. No entanto, cá estou, fingindo ser a namorada de alguém para pagar meus empréstimos estudantis.

Sem querer ser estraga-prazeres, mas estou começando a desconfiar que a vida nem sempre é do jeito que a gente quer. É inevitável perder a fé: depois de ser contratada tantas vezes para projetar a ideia de que um cliente é encantador, equilibrado e emocionalmente disponível, um ser humano capaz de manter um relacionamento de médio prazo com outro adulto igualmente funcional, a fim de... Bem, aí varia. Nunca perguntei a Greg por que Caroline Smith é tão obcecada com a ideia de seu filho de 30 anos ter uma namorada. Com base em trechos de conversas ouvidas dentro do Universo Cinemático dos Smiths, suspeito que tenha a ver com a imensa herança que estará em jogo assim que a matriarca morrer, por Caroline acreditar que, caso ele forneça o primeiro bisneto da família, seja mais provável que herde... uma mangueira de água cravejada de diamantes, eu acho?

Pessoas ricas... São gente como a gente.

Mas a mãe intrometida de Greg ainda é muito melhor do que o irmão dele, desagradável por uma série de razões que não vale a pena mencionar. Sinceramente, é um alívio que *ela* seja meu alvo. Isso significa que, quando a porta da Mansão Smith se abre, posso me concentrar apenas nela: a mulher retraída e com coração palpitante que consegue nos cumprimentar com beijinhos no ar, bagunçar o cabelo de Greg e colocar duas taças cheias de vinho em nossas mãos, tudo de uma vez só.

– Como vai a vida no mundo das finanças, Gregory? – pergunta Caroline ao filho. Ele vira metade do vinho de um só gole; suspeito que seja porque





já o ouvi explicar que, na verdade, não trabalha com finanças. Pelo menos quatro vezes. – E você, Elsie? – acrescenta ela, sem esperar por uma resposta. – Como vão as coisas na biblioteca?

Seguindo as diretrizes do Faux, não digo nada sobre mim a meus clientes – meu nome completo, o que faço da vida, minha verdadeira opinião sobre coentro (é excelente se você gosta de comer sabonete). E, resumindo, é isso que significa ser uma namorada de mentira. A princípio, parecia duvidoso que as pessoas fossem pagar por um encontro falso na era do Tinder e do Pornhub e que pagariam a *mim* – Elsie Hannaway, nada notável, mediana em tudo. Altura mediana. Cabelos e olhos castanho-médio. Nariz, bunda, pés, pernas, seios medianos. Bonita, sim, claro, mas de uma forma mediana e discreta. Mas minha medianidade mediana é a lousa em branco perfeita a ser preenchida. Uma tela vazia a ser pintada. Um espelho, refletindo apenas o que os outros querem projetar. Um pedaço de tecido que pode ser costurado sob medida para... Bem, tenho certeza de que todo mundo está conseguindo acompanhar a metáfora.

A Elsie que Caroline Smith quer é alguém capaz de se dar bem com pessoas que usam comumente o verbo *veranear*, pouco chamativa o suficiente para não atrair um cara melhor do que Greg e com instintos protetores para cuidar do filho que ela até pode amar, mas não se dá ao trabalho de conhecer. Bibliotecária infantil parecia uma excelente profissão falsa. Tem sido divertido vasculhar fóruns on-line em busca de anedotas fofas.

– Hoje eu encontrei três biscoitinhos dentro do nosso melhor exemplar de *Matilda* – digo com um sorriso. *Ou pelo menos o usuário iluvbigbooks, do Reddit, encontrou.*

– Isso é *hilário* – diz Caroline sem rir, sorrir nem demonstrar ter achado um pinga de graça. Então ela se aproxima, sussurrando como se seu filho, que está a trinta centímetros de distância, não pudesse nos ouvir: – Nós estamos *tão* felizes por você ter vindo, Elsie. – Esse *nós*, creio eu, inclui o pai de Greg, parado em silêncio ao lado dela, colocando três cubos de queijo Colby-Jack na boca com o sorriso vago de alguém acostumado a devanear desde 1999. – Estávamos *tão* preocupados com o Gregory. Mas agora ele está com você e nunca esteve *tão* feliz. – *Será mesmo?* – Gregory, tente passar bastante tempo com a sua avó hoje. Izzy está tirando umas fotos com a Polaroid para dar a ela no final da noite... Certifique-se de estar em *todas* elas.





– Eu vou garantir que ele esteja, Sra. Smith – prometo, entrelaçando o braço no de Greg.

Quebro a promessa quinze segundos depois, no final do deslumbrante corredor. Ele vira o que resta do vinho, rouba dois grandes goles da minha taça e, antes de se trancar no banheiro, sussurra:

– Te vejo daqui a dez minutos.

Dou uma risada e o deixo em paz. Eu me sinto protetora em relação a ele, o suficiente para quebrar o protocolo do Faux e repetir os encontros, o suficiente para querer defendê-lo de assaltantes e piratas e de familiares distantes. Talvez seja porque a primeira frase que ele me disse – “Minha mãe não para de perguntar por que eu não namoro” – estava tomada de pânico e foi seguida de uma explicação hesitante e exaustiva de por que *isso* não aconteceria tão cedo; uma explicação com a qual me identifiquei até demais. Talvez seja porque ele sempre parece se sentir exatamente como eu me sinto: cansada e sobrecarregada. Em outra linha do tempo, seríamos melhores amigos, unidos por conta das inevitáveis úlceras de estresse que logo destruirão nosso estômago.

Encontro a cozinha vazia, entro e observo o redemoinho vermelho escorrendo pelo ralo enquanto despejo o que sobrou da minha taça na pia. Um desperdício. Eu deveria ter recusado, mas isso levaria a perguntas, e não quero explicar que o álcool é um perigoso terrorista glicêmico e que meu pâncreas debilitado *não* negocia com...

– Não gostou?

Dou um pulo. E um gritinho. E quase deixo cair a taça, que provavelmente custou mais do que a minha pós-graduação.

Achei que estivesse sozinha. Eu não estava sozinha? Eu *estava* sozinha. Mas o irmão mais velho de Greg está no recinto, encostado na bancada de mármore, os braços cruzados. Seus característicos olhos multicoloridos estão me encarando com a mesma expressão inescrutável de sempre. Estou parada entre ele e a única entrada – ou não percebi que ele estava ali, ou ele fez uma dobra no espaço-tempo.

Ou eu o confundi com a geladeira. Afinal, eles são *praticamente* do mesmo tamanho.

– Você tá bem? – pergunta ele.

– Eu... Sim. Sim, desculpa. Eu só... – Forço um sorriso. – Oi, Jack.





– Oi, Elsie.

Ele diz meu nome como se fosse familiar para ele. A primeira palavra que aprendeu. Um ato instintivo, não apenas um monte de vogais e consoantes que mal teve motivos para usar antes. Ele não sorri, claro. Bem, ele *sorri*, mas nunca para mim. Sempre que estamos no mesmo local, ele é uma presença imponente, assomante e severa, cujo principal passatempo parece ser me julgar indigna de Greg.

– Não gostou do vinho?

– Não é isso.

Hesito um pouco, nervosa. Há uma tatuagem em seu antebraço, aparecendo discretamente sob a manga arregaçada da camisa. Porque é claro que ele está vestindo jeans e uma camisa xadrez, embora o convite enviado por e-mail informasse especificamente que o traje deveria ser semiformal. Mas ele é Jack Smith. Pode fazer o que quiser. Provavelmente tem uma autorização esculpida naqueles bíceps ridículos dele. Carimbada na parte azul de seu olho direito, que se destaca vividamente no castanho de suas íris.

– O vinho estava ótimo – digo, me recompondo. – Mas tinha uma mosca na taça.

– Ah, é?

Ele não acredita em mim. Não sei como sei disso, mas sei. E ele sabe que eu sei. Dá para ver. Não... Dá para *sentir*. Um formigamento na base da minha coluna, que parece escorrer, vívido e quente. *Cuidado, Elsie*, diz a sensação. *Ele vai mandar prender você por cometer um crime contra as uvas. Você passará o resto da vida em um presídio federal. Ele vai te visitar uma vez por semana só para ficar te olhando através da divisória de acrílico e te deixar desconfortável.*

– Izzy deve estar atrás de você – digo, torcendo para me livrar dele. – Ela tá lá em cima.

– Eu sei – responde ele, mas *nem se mexe*.

Jack apenas me observa, atento, calmo, como se soubesse algum segredo a meu respeito. Que eu uso fio dental uma vez por semana, no máximo. Que não consigo entender o que é o Dow Jones, mesmo depois de ler o verbete da Wikipédia. Ou outras coisas mais assustadoras e *sombrias*.

– Sua namorada veio? – pergunto para preencher o silêncio.

Uma vez, ele trouxe uma moça para uma festa de família. Geóloga. A





mulher mais linda que já vi. Fofa. Engraçada também. Queria poder dizer que ela era areia demais para o caminhãozinho dele.

– Não.

Silêncio mais uma vez. Continuamos a nos encarar. Sorrio para ele não ver que meu maxilar está agressivamente travado.

– Faz tempo que não te vejo.

– Desde o feriado do Dia do Trabalho, em setembro.

– Ah, é. Tinha esquecido.

Eu não tinha esquecido. Tirando hoje, já encontrei com Jack duas vezes, apenas duas vezes, e ambas estão teimosamente encravadas em meu cérebro, de forma tão agradável quanto folhas de espinafre presas entre os molares.

A primeira foi no jantar de aniversário de Greg, quando Jack e eu trocamos um aperto de mãos e ele me ofereceu um breve aceno de cabeça, depois passou a noite me lançando olhares longos e perscrutadores e o ouvi perguntar a Greg: “Onde você conheceu ela?” e “Há quanto tempo vocês estão juntos?” e “É sério mesmo?”, com um tom inquisitivo e fingidamente casual que provocou um estranho arrepio na minha coluna.

Ou seja, Jack Smith não era meu fã. Muito bem. Tá certo, então. Beleza.

E aí houve a segunda vez. No final do verão, na festa na piscina que os Smiths deram no feriado do Dia do Trabalho, na qual não entrei na água. Porque de biquíni é impossível esconder meu sensor de glicemia.

Não tenho vergonha de ser diabética. Tive quase duas décadas para fazer as pazes com meu sistema imunológico hiperativo, que se diverte demais destruindo células necessárias. Mas a reação das pessoas ao saber que preciso injetar insulina em meu corpo regularmente pode ser imprevisível. Quando fui diagnosticada (aos 10 anos, após uma convulsão no ginásio da escola que me rendeu o apelido cruel, mas pouco criativo, de Elsie Tremelique), ouvi meus pais conversando aos cochichos atrás das cortinas divisórias do quarto do hospital.

– *Agora essa também. – Mamãe soou exausta.*

– *Eu sei. – Papai soou igual. – Só pode ser nossa culpa. Lance tá pra ser reprovado na escola. Lucas vai acabar preso uma hora dessas por arrumar briga no estacionamento de um Walmart qualquer. Claro que a única criança tranquila que a gente criou tinha que ter alguma coisa.*





- *Não é culpa dela.*
- *Não.*
- *Mas vai ser caro.*
- *Vai.*

Não julgo meus pais: meu irmão Lance foi *mesmo* reprovado no ensino médio (e hoje em dia ganha muito bem como eletricitista), assim como Lucas acabou *mesmo* sendo preso (embora tenha sido nos fundos de um Shake Shack e por posse de drogas que hoje em dia são legais). Mamãe e papai estavam cansados, sobrecarregados. Meio pobres. Eles torciam por um respiro, algo que pela primeira vez na vida fosse fácil, e fiquei realmente triste por não proporcionar isso a eles. Para compensar, tentei tornar meus problemas de saúde – e quaisquer outros problemas subsequentes – o mais ignoráveis possível.

Acho que as pessoas gostam mais de mim se não têm que gastar energia emocional comigo.

Foi por isso que não entrei na piscina durante a festa dos Smiths, optando por ficar sentada em uma manta e comer uma fatia de bolo, com um sorriso artisticamente montado no rosto. Por isso calculei mal os carboidratos que comi e a insulina de que precisaria. E por isso saí cambaleando pelo jardim da casa de férias dos Smiths, que mais parecia saída do filme *Manchester à beira-mar*, com a glicose nas alturas, visão embaçada, cabeça latejando, tentando lembrar onde havia colocado meu celular para poder ajustar minha taxa de insulina e...

Dei de cara com Jack.

Literalmente. Eu não o vi e dei com o rosto no peito dele, como se fosse um gigantesco buraco negro. Não era. Um buraco negro, quero dizer. Era gigantesco, no entanto.

- *Elsie? – Aff. A voz dele. – Você tá bem?*
- *Sim. Sim, eu... – Vou vomitar.*
- Ele segurou meu rosto, me examinando.*
- *Quer que eu chame o Greg?*
- *Não precisa... – Senti uma dor lancinante na cabeça.*
- *Eu vou chamar o Greg.*
- *Não... não chama o Greg, por favor.*
- Ele fez uma careta.*





– *Por quê?*

– *Porque...* – Porque uma boa namorada de mentira exige pouco de seus parceiros. Elas sorriem, não têm opinião sobre coentro e nunca, jamais, arrastam o namorado de uma festa na piscina. – *Você pode... Eu preciso ir ao banheiro e... do meu celular...*

Um segundo depois, eu estava em um banheiro que parecia um spa de luxo, com a bolsa no colo. E adoraria dizer que não me lembro de como cheguei lá, mas tenho uma vaga memória, uma lembrança de braços fortes me levantando; de ser carregada, flutuando feito um pássaro; de um hálito quente em minha têmpora, murmurando palavras das quais não consigo me lembrar.

E, infelizmente, foi isso que aconteceu. Jack foi gentil e prestativo? Foi. Ele acreditou na história que mais tarde inventei sobre não querer incomodar Greg com minhas enxaquecas? Acho que não, levando em consideração seu olhar cético, frio e insistente. Talvez ele suspeite que eu estivesse drogada. Talvez tema que eu contamine a linhagem Smith com meus fracos genes suscetíveis a dores de cabeça. *Certamente* ele acredita que o irmão pode arrumar coisa melhor.

Mas não importa: Jack não é meu alvo, sua mãe, sim. Isso é bom, porque não faço a menor ideia de quem é a Elsie que Jack quer.

Essa é uma situação sem precedentes. Sou profissional em captar pistas, mas Jack... ele não deixa *nada* transparecer. Não sei o que aumentar, o que diminuir; o que esconder e o que fingir; que personalidade sacrificar em seu nome. É como se ele estivesse tentando me decifrar sem provocar nenhuma mudança em mim – e isso é impossível. As pessoas não são assim, não comigo.

Então, quando ele pergunta “Como você está, Elsie?”, com um tom que parece um pouco curioso demais, sorrio da forma mais neutra possível.

– Como sempre. Ótima. – *Não estou prestes a desmaiar em cima de você, pelo menos.* – E você? Como estão as coisas no trabalho?

Ele é uma espécie de professor de educação física, Greg mencionou. Não é de surpreender, já que a aparência dele é de alguém que usa adesivo com propaganda de crossfit no carro e toma shakes de proteína enquanto lê a coluna de powerlifting da *Men's Health*. Os outros Smiths são esguios, de cabelos castanhos e um pouco mirrados. E aí aparece esta muralha com





cabelos cor de areia, trinta centímetros mais alto que seu parente mais alto, com traços masculinos clássicos e voz grave e cortante. Minha teoria: enfermeira sobrecarregada, troca de bebês na maternidade.

– Tá tendo um bom semestre?

Ele resmunga algo incompreensível e então responde:

– Não matei nenhum aluno. Ainda.

Surpreendentemente, me identifico.

– Parece uma vitória.

– Não pra mim.

Merda. Ele está me fazendo sorrir.

– Por que você quer matar seus alunos?

– Eles reclamam de tudo. Não leem o programa da disciplina. – Programa da disciplina de educação física? O currículo do meu professor de educação física incluía apenas nos constranger por não conseguirmos escalar uma corda. A educação está avançando. – Eles mentem.

Engulo em seco.

– Mentem sobre o quê?

– Várias coisas. – Os olhos dele brilham, seus lábios se contorcem, seus ombros se avolumam sob a camisa e...

Eu costumava achar – não, eu costumava *ter certeza* – que caras de cabelos claros não eram atraentes. Na pré-adolescência, todo mundo morria de amores pelo Legolas, mas eu era fã do Aragorn. Nos questionários do BuzzFeed sobre “De qual casa de *A Guerra dos Tronos* você é?”, nunca dava Targaryen. Odeio olhar para Jack Smith, com seu belo maxilar, suas belas covinhas e aquelas belas mãos, e achá-lo bonito.

Acho que simplesmente não vou olhar. Isso, excelente plano.

– Com licença – digo, educadamente. – Aposto que Greg está procurando por mim.

Eu me viro antes que ele possa responder, imediatamente sentindo que consegui me libertar de uma singularidade espaço-tempo.

Ufa.

A sala de estar fica a alguns corredores e curvas de distância, é grande, mas está lotada, bonita apesar da superabundância de pinturas navais e do mobiliário pesado de couro. Passo alguns minutos assegurando à tia de Greg que vamos consultá-la antes de escolher o bufê do casamento; fingindo





não notar tio Paul passando a língua nos lábios enquanto olha para mim; conversando amigavelmente com uma série de primos sobre o tempo, o trânsito e as tomadas ruins de *Crepúsculo*. A aniversariante abre os presentes junto à lareira, dizendo a uma das noras: “Cupom para um banho de lama? Maravilha. Vai ser um treinamento para quando descerem meu caixão ao túmulo e vocês começarem a brigar pelo meu dinheiro.”

Isso é a cara de Millicent Smith: na primeira vez que nos vimos, ela colocou as mãos nos meus ombros e disse: “Ter filhos foi o pior erro da minha vida.” Seu filho mais velho estava parado ao lado dela. Ainda não me decidi se ela é uma megera de fato ou apenas involuntariamente cruel. Enfim, ela é minha Smith favorita.

Afasto-me, sorrindo, e vou parar junto ao tabuleiro de *Go* com uma partida largada pela metade, no canto da sala. Está assim desde a minha primeira visita, os quadrados de madeira e as pedras de porcelana um tanto incongruentes com a decoração litorânea. Greg está conversando com o pai e me pergunto se vamos embora logo. Tenho 33 redações sobre vibrações, ondas e ótica para corrigir, o que certamente me fará sonhar com uma morte violenta. Um teste de múltipla escolha sobre fundamentos da ciência dos materiais para elaborar. E, claro, a apresentação da minha pesquisa para preparar. Eu quero – não, eu *preciso* – mandar muito bem. Não tenho espaço para errar, pois essa é a minha chance de sair desta vida em que passo as noites em namoros de mentira e meus dias trocando e-mails com sexxy.chad.420@hotmail.com discutindo se a alergia a glúten de sua chinchila é motivo para dispensá-lo da prova de Introdução à Física. Vou ter que ensaiar a apresentação no mínimo onze vezes – ou seja, o número de dimensões de acordo com a Teoria-M, minha versão favorita da teoria das supercordas e...

– Sabe jogar?

Levo um susto. *De novo*. Jack está parado do outro lado do tabuleiro, os olhos escuros me analisando. Todos os seus parentes estão aqui, por que ele está perdendo seu precioso tempo importunando a namorada de mentira do irmão quando poderia estar com a família?

– Elsie? – Meu nome, de novo. Dito como se o universo tivesse feito aquela palavra só para ele. – Eu perguntei se você sabe jogar. – Ele parece estar se divertindo. Odeio ele.

– Ah. Hmm, um pouco. – Eufemismo. *Go* é um jogo perturbador e pe-





nosamente complexo, portanto a atividade extracurricular escolhida por muitos físicos. – E você?

Jack não responde. Em vez disso, acrescenta algumas pedras brancas ao tabuleiro.

– Ah, não. – Balanço a cabeça. – É o jogo de outra pessoa. A gente não pode...

– Você fica com as pretas, pode ser?

Na verdade, não. Mas engulo em seco e, hesitante, pego as pedras e as coloco no lugar. Meu orgulho joga um belo cabo de guerra contra meus instintos de sobrevivência: não vou esconder minhas habilidades no Go e deixar Jack vencer, mas, até onde sei, perder pode transformá-lo em um bisão cuspidor de fogo que vai incinerar as paredes. Não quero morrer no desabamento de uma casa ao lado de Jack Smith e seu tio obcecado por sexo a três.

– Como o Greg tá? – pergunta ele.

– Tá ali, com o seu primo – respondo distraidamente, observando-o colocar mais pedras sobre o tabuleiro.

Suas mãos são absurdamente grandes. Mas também graciosas, o que não faz sentido. Outra coisa que também não faz sentido? Há duas cadeiras, mas não estamos sentados.

– Mas *como* ele está?

De acordo com a minha humilde experiência, irmãos, na melhor das hipóteses, se toleram e, na pior, cospem chiclete no cabelo um do outro. (Os meus irmãos. No *meu* cabelo.) Jack e Greg, porém, são próximos, por razões inimagináveis, visto que Greg é um adorável desastre humano cheio de energia caótica, enquanto Jack... Não sei exatamente qual é o lance dele. Tem um quê de bad boy, uma pitada de mistério, uma dose de suavidade. Além de certa voracidade, um ar rústico, bruto. E o mais importante: ele parece *descolado*. Descolado demais até para *ser* descolado. Como se no ensino médio ele tivesse trocado a festa de formatura por uma exposição de arte no Guggenheim e, mesmo assim, ainda conseguisse ser eleito rei do baile.

Jack parece distante. Desinteressado. Confiante por natureza. Carismático de uma maneira intrigantemente opaca e inacessível.

Mas ele gosta de Greg. E Greg, dele. Eu o ouvi dizer, com meus próprios ouvidos, que Jack é seu “melhor amigo”, alguém em quem “pode confiar”.





Mas, como sou uma namorada de mentira muito solidária, escutei tudo sem apontar o fato de que no fundo ele *não confia* em seu *melhor amigo* Jack, caso contrário seria sincero com ele sobre o namoro falso.

– Greg tá bem. Por que a pergunta?

– Quando a gente conversou outro dia, ele parecia estressado com o Woodacre.

Com... o quê? Isso é algo que a namorada de Greg deveria saber?

– Ah, sim – disfarço. – Um pouco.

– Um pouco?

Eu me ocupo com as pedras. Não estou ganhando com a facilidade que esperava.

– Tá melhorando. – Tudo melhora com o tempo, certo?

– Tá?

– Muito. – Assinto com entusiasmo.

Ele meneia a cabeça também. Com menos entusiasmo.

– Sério?

Jack até que não é *ruim* em *Go*. Como assim ainda não acabei com ele?

– Sério.

– Pensei que o Woodacre fosse daqui a alguns dias. Achei que o Greg estivesse chateado.

Fico tensa. Talvez eu devesse ter perguntado a Greg sobre os tópicos de conversa.

– Ah, é verdade. Agora que você mencionou...

– Me ajuda com uma coisa, Elsie. – Ele dá um pequeno passo para mais perto do tabuleiro, assomando sobre mim como uma torre imponente. Mas eu não me dobro. Eu *me recuso* a me dobrar. – O que é mesmo o Woodacre?

Merda.

– É... – Tento manter uma expressão descontraída. – Woodacre, ué.

Jack me lança um olhar de *não mete essa*.

– Isso não diz nada, né?

– É... – Dou um pigarro. – É uma coisa em que o Greg tá trabalhando. – O quanto eu sei sobre o trabalho de Greg? Que ele é um cientista de dados. – Não sei os detalhes. É alguma coisa complicada envolvendo ciência.

Sorriso alegremente, como se não passasse a vida construindo modelos





matemáticos complexos para descobrir as origens do universo. Meu coração aperta.

– Alguma coisa complicada envolvendo ciência. – O olhar de Jack parece descascar minha pele como se eu fosse uma banana meio podre.

– É. Pessoas como eu e você não íamos entender.

Ele franze a testa.

– Pessoas como eu e você.

– É, tipo... – Mantenho os olhos nos dele e pouso outra pedra no tabuleiro. – Números são *bem* complicados...

Fecho a boca de repente. Acho que nos movemos para o mesmo quadrado. Meus dedos roçam os de Jack e algo elétrico e não identificável percorre meu braço. Fico esperando que ele se afaste, mas ele não o faz. Mesmo sendo a *minha* vez. Não era *minha* vez? Eu tenho certeza de que...

– Ora, ora, acho que temos um empate.

Recuo a mão. Millicent está ao meu lado, olhando para o tabuleiro. Sigo seu olhar e quase engasgo, porque... ela tem razão.

Eu não dei uma surra no maldito Jack Smith.

– Faz muito tempo desde a última vez que Jack perdeu uma partida – diz Millicent com um sorriso satisfeito.

Faz muito tempo desde a última vez que eu perdi uma partida. Como assim? Ergo o olhar para Jack – ainda me encarando, ainda franzindo a testa, ainda me julgando silenciosamente. Meu cérebro fica vazio. Entro em pânico e deixo escapar a primeira coisa que vem à mente.

– Existem mais posições válidas no *Go* do que átomos no universo conhecido.

Ouçó alguém bufar.

– Tem uma pessoa que me fala isso desde que ainda usava fraldas. – Millicent olha astutamente para Jack, que está imóvel. *E ainda. Está. Me. Encarando.* – Você e Elsie formam um ótimo casal. Embora, Jack, meu querido, ela devesse assinar um acordo pré-nupcial.

Não entendo imediatamente sobre o que ela está falando. Então entendo, e fico completamente vermelha.

– Ah, não. Sra. Smith, eu... eu sou namorada do Greg. Seu *outro* neto.

– Tem certeza?

O quê?





– Eu... tenho. Claro.

– Não parece. – Ela dá de ombros. – Mas quem sou eu para julgar não é mesmo? Sou uma velha doida de 90 anos que fica chafurdando na lama.

Observo enquanto ela se arrasta em direção à mesa de canapés. Em seguida, me viro para Jack, dando uma risada nervosa.

– Uau. Isso foi...

Ele *ainda* está olhando fixamente. Para mim. Seriadamente. Atentamente. Heterocromia setorialmente. Como se eu fosse interessante, muito interessante, muito, *muito* interessante. Abro a boca para perguntar o que está acontecendo. Para exigir uma revanche até a morte. Para implorar que ele pare de contar os poros do meu nariz. E é quando...

– Ei, vocês dois, sorriam!

Viro a cabeça e o flash da Polaroid de Izzy me cega instantaneamente.



– O aniversário de casamento dos meus pais, no mês que vem, deve ser a última vez que vou precisar te levar junto. – Greg liga a seta para a direita e entra no estacionamento do meu prédio. – Depois, vou dizer pra mamãe que você terminou comigo. Que eu implorei pra gente continuar. Fiz uma serenata. Comprei um caminhão de bichos de pelúcia. Tudo em vão.

Eu faço que sim, solidária.

– Você está de coração partido. Inconsolável demais pra namorar outra pessoa.

– Talvez precise encontrar consolo em uma playlist do Spotify.

– Ou fazer mechas no cabelo.

Ele faz uma careta. Dou risada e, uma vez que o carro para, eu me apoio na porta do passageiro para analisar seu belo perfil sob as luzes amarelas.

– Fala pra ela que eu te traí com o entregador de comida. Isso vai te dar o direito de sofrer por mais tempo.

– Genial.

Ficamos em silêncio enquanto penso na situação de Greg. A razão para ele ainda precisar de uma namorada de mentira. Tudo que ele se sentiu à vontade para *me* contar, uma desconhecida, em vez de contar à própria família. Como somos parecidos.





– Depois que isso tudo acabar, se você precisar... se você *quiser* conversar com alguém. Uma amiga. Eu adoraria...

Seu sorriso é genuíno.

– Obrigado, Elsie.

Saio do carro, o gelo estalando sob o salto da minha bota, e logo me viro.

– Ah, Greg?

– Oi?

– O que é Woodacre?

Ele dá um resmungo e recosta a cabeça no banco.

– É um retiro de meditação silenciosa que nosso chefe tá forçando a gente a fazer. Vamos partir amanhã... Quatro dias sem contato com o mundo exterior. Sem e-mail, sem Twitter. Ele roubou a ideia de uma newsletter da Goop.

Ah.

– Então não tem nada a ver com... coisas complicadas envolvendo ciência?

Ele me lança um olhar desesperado.

– Pelo contrário. Por quê?

– Ah... – Fecho os olhos. Deixo a vergonha cravar as presas em meu cérebro. – Por nada. Boa noite, Greg.

Fecho a porta do passageiro, aceno sem entusiasmo e deixo o ar gelado entrar em meus pulmões. A Estrela Polar pisca para mim do céu, e eu me lembro da entrevista de emprego de amanhã.

Não importa se esta noite fiz papel de boba com o irmão irritante de Greg. Com um pouco de sorte, talvez eu nunca mais veja Jack Smith.





CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor

A razão do amor

Odeio te amar

Amor, teoricamente

Xeque-mate

Noiva

Não é amor

No fundo é amor

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

